

A CONTRIBUIÇÃO DE JUAREZ DAYRELL PARA O ESTUDO INTERDISCIPLINAR SOBRE A JUVENTUDE.

Michele Silva Maurer¹; Rafael de Oliveira Alves¹; Maria Terezinha Bretas Vilarino(orientadora)²

Universidade Vale do Rio Doce –Univale
ms.maurer@hotmail.com; rafaelalvesmg@gmail.com; maria.vilarino@univale.br

Resumo: A partir da reflexão sobre a escola e a política de educação para jovens e adultos, somos levados a definir juventude, uma categoria complexa, objeto de diversos campos disciplinares, dentre os quais está a Sociologia da Juventude, que fornece grande referencial para a compreensão das juventudes. Neste artigo destacamos a os trabalhos de Juarez Dayrell, que em suas obras, aborda também os conceitos de espaço e tempo, desenvolvendo uma perspectiva favorável à interdisciplinaridade. Este trabalho tem como objetivo identificar os principais conceitos utilizados por Dayrell nas suas produções sobre a juventude que corroborem com a abordagem territorial. O trabalho foi desenvolvido através da revisão bibliográfica das obras de autoria de Juarez Dayrell, e levantamento das principais categorias utilizadas pelo autor. Ao desenvolver suas análises, o autor faz referência aos espaços de sociabilidade e aos lugares sociais ocupados pelos sujeitos jovens, numa abordagem sociológica articulada com os conceitos geográficos. Também desenvolve a categoria projeto de vida, que possibilita a reflexão sobre o tempo e percepção que os jovens têm sobre este fenômeno. Concluimos que, numa conexão entre as categorias espaço de sociabilidade, lugar social e projeto de vida, Dayrell possibilita uma compreensão de trajetória, envolvendo espaços de experimentação e as margens de escolha na constante elaboração de projetos de vida desses sujeitos. A compreensão da condição juvenil na perspectiva de configuração histórica, com a complexidade delineada em suas obras, apresenta-se como grande contribuição nas análises sobre juventude numa abordagem territorial.

Palavras-chave: Juventude, Estudos Territoriais, Sociologia da Juventude, Juarez Dayrell.

Introdução

Falar sobre juventude é abrir uma conversa ampla, em que muitos campos disciplinares podem participar e contribuir e, mesmo em um único campo, muitos elementos podem ser buscados na argumentação de uma definição sobre o tema: a delimitação, a estética, a linguagem, o ativismo, a rebeldia, entre outros. Na busca por definição, encontramos também a não-definição, a juventude como um vir a ser. Os marcadores de início e fim desta fase se tornam cada vez mais tênues e flexíveis, demandando novas reflexões (PAPA e FREITAS, 2003). Neste contexto, encontramos especificidades que levam ao estudo das juventudes, no plural, abarcando a heterogeneidade deste conceito.

Desenvolver um diálogo entre diferentes campos do saber e possibilitar a comunicação dos conceitos e categorias relativos aos estudos da juventude é o que faz o Professor Juarez

¹Discente de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Gestão Integrada do Território da Univale.

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Gestão Integrada do Território da Univale.

Dayrell, sociólogo, que desenvolve em suas obras uma abordagem interdisciplinar. Para fins de nosso estudo, evidenciamos a possível conexão entre a Sociologia da Juventude e os Estudos Territoriais, tendo como referência o uso do espaço e do tempo como categorias de análise, que o autor faz. Em seus trabalhos, ele foca seu olhar nos jovens de periferias e alunos de escolas públicas, que muitas vezes são percebidos como problema social e não como sujeitos demandantes de políticas públicas.

Assim, este trabalho tem o objetivo de identificar os principais conceitos utilizados por Dayrell, ao longo de sua produção, que possam contribuir com o estudo interdisciplinar a respeito de juventude e escola, sob a abordagem territorial. Para isso, fizemos uma revisão bibliográfica das obras de sua autoria, incluindo artigos e capítulos de livros, através da identificação das ideias-chave e posteriormente, seu ordenamento e discussão em torno dos conceitos selecionados para este estudo (GIL, 2002).

Entre as diversas questões que emergem deste tema e de suas possibilidades teóricas, centramos nossas discussões na pluralidade e buscamos a argumentação em torno do tema juventudes, das maneiras de ser jovem e de ocupar os espaços sociais. A forma como são construídas as perspectivas e as expectativas dos jovens, também compõem o problema central deste trabalho.

Para desenvolver essa problemática, dividimos a discussão em três etapas, cada uma apresentada a partir de temáticas discutidas por Juarez Daayrell. Na primeira seção trataremos do conceito de juventude, da heterogeneidade e da pluralidade que levam à noção de juventudes, como construções a partir de processos singulares. A segunda seção trata do lugar social do jovem e de como a juventude constrói seu espaço na sociedade. O último conceito abordado é o de projetos de vida, seção na qual abordaremos como os jovens lidam com as contradições cotidianas da experiência e da expectativa. Nas considerações finais, propomos possibilidades de abordagem territorial sobre a juventude, em diálogo com a obra de Dayrell.

Conhecendo a juventude, ou as juventudes

A delimitação da juventude como fase ou processo possui dois aspectos que devem ser levados em conta, o primeiro é universal e marcado pelas transformações ocorridas numa determinada faixa etária. As transformações biológicas, psicológicas e sociais vividas na adolescência, marcadas pela ampliação de experiência de vida marcam a entrada na

juventude. De acordo com Dayrell e Carrano(2014), essa fase é marcada pelos sinais que o sujeito demonstra “ter necessidade de menos proteção por parte da família e começa a assumir responsabilidades, a buscar a independência e a dar provas de autossuficiência, dentre outros sinais corporais, psicológicos e de autonomização cultural”. O outro aspecto compreende as distintas construções históricas e sociais referentes a este momento. Com o aumento das possibilidades de experiência de vida, aumentam as possibilidades de descoberta na medida em que adquirem autonomia e passam a buscar sua individualidade.

Esses aspectos não se apresentam de forma linear e podem variar de acordo com o período, o contexto social e a trajetória de cada indivíduo (DAYRELL, 2005a). O mesmo ocorre com o fim da fase juvenil, pois os elementos que demarcam a juventude são relativos a cada contexto, fato que se acentua na atualidade e “a perda de linearidade deste processo é um elemento que caracteriza hoje a condição juvenil” (FERNANDES, 2013).

Esse período da vida que se apresenta entre a adolescência e a vida adulta é marcado por um “vir-a-ser”, uma construção constante de significados e significações que evidenciam as culturas juvenis. Esse processo leva a uma diversidade de formas do “ser jovem”, expressas na pluralidade das juventudes. Para o autor, existe uma grande “variedade de mundos” que constituem diferentes culturas juvenis, ou como é apresentado em suas obras, diferentes juventudes, referindo-se aos modos de vida cotidianos e específicos, que ganham visibilidade no espaço das cidades (DAYRELL, 2005b, DAYREL, 2003).

A representação do jovem como “vir-a-ser”, também pode gerar uma visão negativa, que destitui o jovem de sua identidade, entendendo-o como um “pré-adulto”, como “aquilo que não chegou a ser”, muitas vezes atribuindo-lhes a imagem de inconstância e irresponsabilidade. É preciso compreender o jovem como sujeito social e afastar-nos da ideia de incompletude, para além da ótica dos problemas, e não confundir as dificuldades vividas com a fase que vivem. O autor ainda nos lembra que “muitos dos problemas que consideramos próprios dessa fase, não foram produzidos por jovens” e “já existiam antes mesmo de o indivíduo chegar à idade da juventude”. (DAYRELL, 2016; DAYRELL e CARRANO, 2014)

Uma perspectiva em que o jovem é visto como um problema para a sociedade, faz da juventude uma categoria social a ser controlada. Os índices de violência, a gravidez na adolescência e o consumo abusivo de álcool e drogas ilícitas são fatores que contribuem para

a construção dessa imagem. Dayrell e Carrano (2014) destacam que “estes aspectos da realidade demandam ações urgentes para serem equacionados”, mas é necessário “um novo olhar” pelo qual o jovem seja entendido como sujeito de direitos e que esses problemas são “expressão de necessidades e demandas não atendidas”. Esse olhar “pode resultar no reconhecimento de um campo de direitos que desencadeie novas formas e conteúdos de políticas públicas” e das potencialidades e possibilidades na juventude.

O lugar social do jovem e a resignificação do espaço

A juventude se expressa para além das formas delimitadas e normatizadas pela sociedade, reinventando suas próprias formas de vida, apesar das contradições e impasses enfrentados. Através da dimensão simbólica, como a música, a dança e o grafite, os jovens buscam formas de mediação em suas relações com o mundo onde vivem e, posicionam-se diante dos “limites dados pelo lugar social que ocupam” (Dayrell, 2007b). Em diversas obras, encontramos essa compreensão da expressão jovem como elemento de protagonismo social que intervém no espaço coletivo, revelando a complexidade das suas relações com os pares e com outros segmentos sociais. Tais expressões, também são formas de se posicionar diante do mundo adulto e, desde a adolescência, ocorre a busca pelos espaços de interação, pelos “grupos de amigos”, onde podem trocar ideias e buscar compreender o sentido de sua condição. (Abramo, 1997; Dayrell, 2007a; Dayrell, Moreira e Stengel, 2011)

No cotidiano juvenil é possível perceber a transformação dos espaços físicos em espaços sociais, pois constantemente os resignificam para favorecer a sociabilidade e as trocas de experiência. Os espaços de lazer favorecem essa interação, que é fator importante para a construção das identidades individuais e coletivas.

Mesmo nos espaços institucionalizados, é possível perceber a dinâmica de transformação, como ocorre na escola: muitas vezes percebida como algo enfadonho, é resignificada através das conversas, trocas afetivas e simbólicas (DAYRELL, 2007b). Os alunos chegam trazendo consigo um referencial de sociabilidade e interações que não corresponde às referências institucionais e são convidados a deixá-las fora dos muros da escola. Essas interações se manifestam ocupando os intervalos entre as obrigações e, muitas vezes concorrendo com as aulas (DAYRELL, 1996). De acordo com Carrano (2005), a escola não reconhece esse processo como cultural e educativo, componente do ser jovem.

A significação do espaço escolar ocorre de maneira coletiva e também subjetiva. Coletivamente, os grupos desenvolvem dinâmicas próprias de ocupação da escola que podem se contrapor às regras e normas estabelecidas, e quando isso ocorre, é estabelecida uma relação de conflito entre jovens e instituição. Na dimensão subjetiva, precisamos compreender que o significado que um sujeito atribui à escola pode ser semelhante ao do outro, mas não é o mesmo. (DAYRELL, 1996) Assim, as expectativas e objetivos que levam cada jovem a escola são distintos e não podem ser compreendidos através de práticas homogeneizadoras

Perspectivas e projetos de vida

A juventude é um fenômeno social que ocorre de forma cada vez mais complexa, englobando a diversidade de experiências, as situações contraditórias e uma multiplicidade de espaços e formas de socialização. Uma compreensão de projeto de vida é apresentada por Dayrell (2013) retomando a concepção do jovem como “vir-a-ser”, as experiências e as trocas simbólicas. Enraizada no senso comum, o projeto de vida é visto como um “adiamento de recompensas”.

Nesta perspectiva, o tempo presente não é apenas a ponte entre o passado e o futuro, mas a dimensão que “prepara” o futuro. É este que dá sentido ao agir no presente, constituindo-se não só o espaço privilegiado de construção do projeto de vida como também para a definição de si: projetando que coisa se fará no futuro, projeta-se também, paralelamente, quem se será. (DAYRELL,2013)

A inserção social do jovem passa a ser entendida como resultado de sua capacidade de elaborar um projeto de vida consistente e nele permanecer. O lugar social ocupado pelo jovem, e o que ocupará quando adulto seriam resultado de escolhas individuais. Entretanto, ao buscar compreender essa construção por jovens de camadas populares, é possível observar uma grande variedade de projetos de vida, marcados por incertezas e provisoriidades, especialmente em relação ao mercado de trabalho. Segundo Dayrell (2009) esses jovens “são desafiados comumente pelas dificuldades econômicas encontradas para sobreviver e para concretizar seus projetos futuros.”

Outra proposta para se compreender a construção de projeto de vida seria através da metáfora do *bricoleur*, que consiste na criação de objetos de forma espontânea. O objeto que não tem uma definição clara, desde o seu início vai sendo construído na medida em que os materiais

são disponibilizados, escolhidos ou adaptados. Não é possível prever o resultado, pois é contingente e a própria ideia ou finalidade inicial pode ser alterada no decorrer da obra. (LEVI-STRAUSS, 1989 *apud.* DAYRELL, 2013). Analogicamente, o projeto de vida é desenvolvido de maneira semelhante. Esse entendimento contemplaria mais elementos para pensarmos os projetos de vida dos jovens que enfrentam maiores limitações materiais.

Entre essas duas concepções, espera-se que a escola se coloque como espaço propício às habilidades e competências, mas também à reflexão e a crítica, que são importantes para a busca e adaptação dos recursos, materiais e simbólicos, na construção dos projetos de vida. Leão *et al* (2011) propõem que, diante das incertezas de uma sociedade que é produto e reproduz desigualdades, a escola se torne um lugar de formação humana ampla, capaz de contribuir para que os jovens compreendam a si mesmos, “bem como da realidade onde se inserem, com uma visão sobre o mundo do trabalho e suas demandas e exigências.” (LEÃO, DAYRELL e REIS, 2011). Analogicamente

Considerações finais

Um olhar múltiplo. Esse é o olhar de Juarez Dayrell sobre e pela juventude, pois nos permite ver a complexidade da condição juvenil em nosso país através de suas lentes, especialmente dos jovens de periferia, alunos de escola pública. Ainda permite vermos através de suas obras, inúmeras contradições que marcam a juventude, para além dos problemas sociais a eles relacionados. Nas obras revisadas, pouco se faz uso da expressão território ou de seus correlatos, o que não impede notar as possibilidades para a abordagem territorial nos estudos desenvolvidos por Dayrell.

O espaço é um conceito presente em todas as obras abordadas aqui. A compreensão é de um espaço construído pelos sujeitos, significado e ressignificado no constante processo de sua produção das relações. Os espaços físicos são transformados pelos grupos em espaços sociais, onde interagem numa diversidade de formas. Também são transformadas as formas de sociabilidade previstas e normadas para determinados espaços através de estratégias próprias, que geram novas possibilidades e relações. Existe nisto tentativas de controle e por conseguinte, uma intencionalidade de criação desses espaços, seja ela percebida pelos jovens ou não.

As barreiras e limites que demarcam esses espaços também aparecem nos textos. Podemos vê-las na necessidade de delimitar o que é próprio do jovem, balizando-se pelo que não é, e interditar territórios através de barreiras simbólicas. As identidades também sofrem essa interdição, quando, ao adentrar no território da escola, espera-se desses jovens que deixem suas especificidades, anseios ou emoções.

Ao pensarmos nos projetos de vida, nos remetemos às formas e aos níveis de apropriações do território pelos jovens, pois dessa relação depende a captação de elementos para sua elaboração. Ou ainda, a partir da elaboração das expectativas, quais as possibilidades de concretização de tais projetos? As possibilidades estão vinculadas à compreensão que os sujeitos têm de suas realidades e disso depende a sua capacidade de ação e transformação. As manifestações culturais próprias da juventude, em que expressam seu cotidiano, emergem em contextos em que são reinventadas formas de se relacionar no território.

Os territórios apresentados nas obras de Dayrell são vividos cotidianamente pelos jovens, de formas tão múltiplas quanto as múltiplas juventudes que podem existir. Não só a significação dos espaços é única para cada um, como a forma de viver o território também é. Podemos pensar na escola e na sua multiterritorialidade, pois abriga essas vivências no mesmo espaço, os grupos que convivem e disputam esse território.

Agradecimentos:

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento - 001
E também da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Altamira.

Referências

ABRAMO, HW. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5. v.6, p. 73-90, maio/dez, 1997.

CARRANO, PCR. Identidades Juvenis e Escolas. *In*: IRELAND, T; VOVIO, CL. **Construção coletiva**: contribuições à educação de jovens e adultos. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

DAYRELL, J. A escola como espaço sociocultural. In: _____. (Org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

_____. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.24, p. 40-52, set./dez. 2003.

_____. Um olhar sobre a juventude. In: ____ (Org). **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p.21-44.

_____. Juventude, grupos culturais e sociabilidade. **Jóvenes-Revista de Estudios sobre Juventud**, México, ano 9, n. 22, p. 296-313, jan/jun 2005.

_____. O jovem como sujeito social. In: FÁVERO, O. (org.). **Juventude e contemporaneidade**. Brasília, DF: Unesco, 2007.

_____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, v.28 n.100, p. 1105-1128, out. 2007

_____. O aluno do ensino médio: o jovem desconhecido. **Salto para o Futuro**, v. 18, n. 18, nov. 2009. Disponível em: < <https://tvescola.org.br/tve/salto-acervo/publicacao>>. Acesso em: 16 jul 2018.

_____, MOREIRA, MIC; STENGEL, M. (Org.) **Juventude contemporânea: um mosaico de possibilidade**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011

_____. A juventude e suas escolhas: as relações entre projeto de vida e escola. In: ____; NOGUEIRA, MA; VIEIRA, MM; RESENDE, J. (Orgs). **Habitar a escola e suas margens**. Portalegre: Instituto Politécnico de Portalegre, 2013.

_____; CARRANO, P. Introdução: por que ler este livro? In: DAYREL, J., CARRANO, P, MAIA, CL (Org.), **Juventude e ensino médio**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2014

_____; CARRANO, Paulo. Juventude e Ensino Médio: Quem é este aluno que chega à escola? In: DAYRELL, J; CARRANO, P; MAIA, CL (Orgs). **Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

_____. **Por uma pedagogia das juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude**. 1. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

FERNANDES, D. Juvetudes, Geografia e Religião: Reflexões a partir das noções de forma simbólica e habitus. **RA'E GA**, Curitiba, V. 27, p.67-93, 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/issue/archive>> Acesso em: 15 mai. 2018.

GIL, AC. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LEÃO, G; DAYRELL, J; REIS, JB. Jovens olhares sobre a escola do ensino médio. **Cad. Cedec**, Campinas, vol. 31, n. 84, p. 253-273, maio-ago. 2011

LEVI STRAUSS, C. Pensamento Selvagem. São Paulo: Papyrus, 1989. *apud*: DAYRELL, J; NOGUEIRA, MA; VIEIRA, MM; RESENDE, J. (Orgs). Habitar a escola e suas margens. Portalegre: Instituto Politécnico de Portalegre, 2013.

PAPA, FC; FREITAS, MV. **Políticas Públicas, Juventude em Pauta**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.